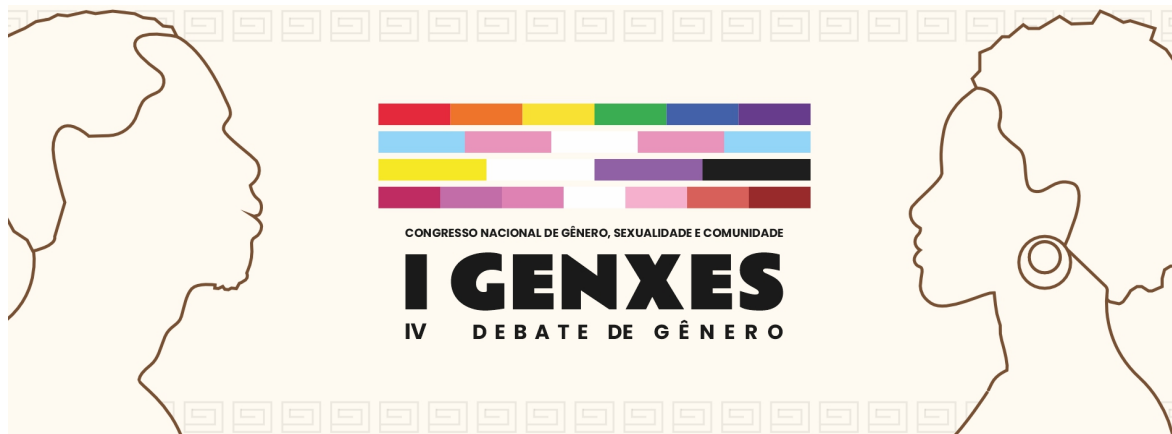




MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA: COMO A JUVENTUDE LGBTQIA+ BRASILEIRA SE MANTEVE DIANTE DA COVID-19

Eixo Comunitário:

Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior¹

Elaine Ferreira do Nascimento²

Liana Maria Ibiapina do Monte³

RESUMO: Este trabalho possui como objetivo geral discutir sobre como a juventude LGBTQIA+ brasileira vivenciou o período ocasionado pela pandemia da Covid-19. Além do mais, o trabalho emerge em como esses jovens não apenas sobrevivem, mas se articulam diante de um cenário pós-pandêmico. Para isto, este escrito se configura como uma revisão de literatura de caráter integrativo. Foram realizadas buscas nas seguintes bibliotecas virtuais: *Scielo*, Google Acadêmico, BVS Brasil, Lilacs e Pepsic. Participaram desta investigação trabalhos em língua portuguesa com publicação a partir do ano de 2020. Os resultados apontaram para uma ausência do poder público frente a esses jovens, uma vez que medidas protetivas em relação ao vírus ocasionava em problemas de sobrevivência em espaços propícios a lgbtfobia e relações abusivas. Conclui-se a necessidade de olhar político e de proteção a esses jovens, como alternativa não apenas da manutenção da sua sobrevivência como de oportunizar novas experiências a eles.

Palavras-chave: Discriminação; Exclusão; Coletividade.

INTRODUÇÃO

A pandemia ofertou uma série de mudanças e atravessamentos as populações, entretanto, são necessárias reiterar que nem todas padeceram das mesmas questões com base em uma desigualdade clara e evidente entre as camadas sociais. No Brasil, Barreto (2020) aponta as fragilidades que sujeitos LGBTs enfrentaram com a chegada da Covid-19. Aliás, este público que já era invisibilizado, passou a consequenciar as ações de uma necropolítica, ameaçando justamente o seu direito de existir. Isso ocorre em detrimento das amarras

¹ Pesquisador pela Fiocruz Piauí. Mestre em Psicologia (UFSM), paulo_juniorpio@hotmail.com.

² Pesquisadora pela Fiocruz Piauí. Doutora em Ciências (IFF/Fiocruz), negraelaine@gmail.com.

³ Pesquisadora pela Fiocruz Piauí. Doutora em Ciências da Educação (Universidad Internacional Tres Fronteras), lianaibiapina@yahoo.com.br.



estabelecidas pelo sistema as quais segregam e silenciam subjetividades em prol de interesses privados e específicos.

Outro aspecto que corrobora com as afirmações anteriores é exemplificado por meio de Santana e Melo (2021) onde esses autores afirmam da negação do direito a saúde a essa população, enfatizando uma estrutura discriminatória presente na sociedade. Essa estrutura advém de tempos anteriores a pandemia, ou seja, este contexto apenas reiterou esse movimento construído para matar esses indivíduos.

Quando se fala do espectro formado pela população LGBTIQIAPN+ é preciso fazer um recorte situando sobre de quem especificamente está se referindo, já que existe uma grande pluralidade entre esta comunidade. Murasaki e Galheigo (2016) falam sobre os desafios de ser um jovem LGBT. Além das mudanças que ocorrem neste estado do desenvolvimento humano, ser jovem é encarar o mundo de frente, com outras responsabilidades e desafios. Desde muito cedo esses sujeitos encaram a discriminação, entretanto é neste momento em que se defronta com questões importantes a sua sexualidade, como a relação com seu corpo e sua afetividade. É nesse momento que surgem ainda mais atitudes discriminatórias, colocando em cheque a necessidade de reiterar sua identidade, mesmo que ela seja alvo de um tipo de violência.

Segundo o relatório do Grupo Gay da Bahia (Brasil, 2021), a maioria das mortes de LGBTs no Brasil no referido ano do relatório foram entre adultos com idade entre 20 a 49 anos, compreendendo 59,32%. E quando se fala em pessoas gays, trans e travestis em situação de baixa vulnerabilidade social os dados se tornam ainda mais alarmantes, compreendendo em 143 mortes entre pessoas com 20 e 39 anos, representando num aumento de 8% de mortes dessa população em relação ao ano anterior deste relatório.

Diante deste panorama fica evidente o quão essa população jovem acaba sendo vulnerabilizada, perdendo o direito de seguir existindo e resistindo diante das mazelas sociais. É com base nestas questões as quais surgem as inquietações que deram origem a este trabalho. O presente estudo possui como objetivo discutir sobre como a juventude LGBTIQIAPN+ brasileira vivenciou o período ocasionado pela pandemia da Covid-19. O



trabalho apresenta além de uma relevância científica, contribuindo para mais um estudo pertinente a literatura, uma importância social, apresentando fenômenos importantes, refletindo criticamente sobre a necessidade de proteção dessa juventude LGBTQIAPN+, reiterando o direito a singularidade e a vida.

METODOLOGIA

O presente estudo se classifica como uma revisão de literatura. Este tipo de escrito busca realizar uma coleta e análise por meio das referências disponíveis nas bibliotecas virtuais. Dentre os diversos tipos de revisão, este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter integrativo. Essa modalidade permite não apenas revisar conteúdo de uma determinada área, como promover a integração e discussão dos mesmos diante da problematização pensada para o estudo construído (Ercole; Melo; Alcoforado, 2014).

Para isso o trabalho realizou as seguintes etapas: definição dos objetivos e dos descritores, construção dos critérios de inclusão e exclusão, busca nas bibliotecas virtuais, pré-análise do material selecionado, escolha final das referências e, por fim, construção do artigo final. Essas etapas foram seguidas de modo a fornecer uma noção diante dos passos a serem desenvolvidos dentro de uma pesquisa dessa magnitude. Foram realizadas pesquisas nas seguintes bibliotecas virtuais: *Scientific Electronic Library Online* – Scielo, Google Acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde BVS Brasil, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde – Lilacs e o Portal de Periódicos de Psicologia – Pepsic. Os descritores utilizados foram: juventude, LGBTQIAPN+, Brasil, pandemia e Covid-19.

Os critérios de inclusão utilizados foram: trabalhos em língua portuguesa e com a sua publicação original a partir do ano de 2020, além de também fazer coerência com os objetivos definidos neste estudo e estarem disponíveis de forma integral e gratuita. Já como critérios de exclusão, permaneceram de fora trabalhos classificados como resumos (publicados em anais de eventos), entrevistas e resenhas. Após uma primeira busca geral



foram selecionados vinte trabalhos. Seguidamente a isso, os achados foram submetidos novamente a uma leitura mais profunda, utilizando, portanto, quinze trabalhos nesta proposta.

Após leitura, organização e análise das referências, foram construídas duas categorias de modo a apresentar os resultados de maneira mais coerente e de fácil acessibilidade a discussão. Essas discussões foram amebasadas por meio do método As mesmas foram designadas e escritas no tópico a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A invisibilização das cores: será mesmo um processo pandêmico?

Apesar de ser considerada um fenômeno vivido pela primeira vez por muitos, a pandemia da Covid-19 apresentou características já sentidas por essa população LGBTQIA+. Quando se fala neste grupo específico, já é possível ouvir histórias agregadas a exclusão e violência a estes seres. Esses comportamentos são baseados na intolerância e preconceito construído por pessoas conservadoras e extremistas.

Kauss et al., (2021) falam que na esta pandemia especificamente apenas corroborou com anos de discriminação e negação de direitos. É notório que as condições proporcionadas pela Covid-19 afetaram as pessoas desde financeiramente falando a aspectos da saúde física e mental, entretanto, essa população ainda continuou segregada, tendo inviabilizadas os direitos de acesso a saúde e demais programas que visavam o cuidado diante do vírus. Assim, o combate e a proteção a saúde se tornou inexistente em muitos casos, deixando essas pessoas largadas a própria sorte.

Isso significa dizer que a negação desses direitos aproximava essa população da letalidade provocada pelo vírus. O que está em jogo não é apenas a vida, mas a subjetividade a qual dá sentido a essa existência. Ou seja, é preciso observar de quem estamos falando para considerar se realmente “estamos no mesmo barco”. A depender dessa identidade, o público



LGBTQIA+ se tornou mais propenso a sofrer as consequências e mazelas sentidas na pandemia. O olhar, portanto, não pode ser visto da mesma forma já que existem demarcadores que sinalizaram quais das pessoas padecem mais da Covid-19.

A proteção muitas vezes utilizada pelos demais é seguramente confortável e possível quando se encontra dentro do padrão heteronormativo. Isso promoveu que diversas pessoas pudessem se resguardar dos perigos oferecidos pelo cenário pandêmico. Quando a sua existência foge a essa regra a tarefa se torna mais árdua do que se possa imaginar. Principalmente quando se fala das políticas e ações brasileiras. A realidade local deixou clara o abandono perante estas questões, negando essas existências e permitindo que a Covid-19 acelerasse os problemas já vivenciados e que dificultavam a sobrevivência (Kikuchi; Silva Junior; Chiarelli, 2021).

Analisando então este cenário, a desesperança e a falta de opções perante o resistir se tornaram frequentes para esta população. Quando também se fala sobre essa ótica pelo jovem LGBTQIAPN+ isso se torna ainda mais preocupante. A fase a qual essas pessoas estão representa a luta pelo desejo de se formar, ter uma profissão ou até mesmo alcançar um sonho. Diante das perdas e restrições da Covid-19, acentuando ainda mais essa discriminação acaba recolhendo todas essas esperanças e anseios deste jovem. A perda de sentido e de também alcançar esses sonhos é fundamental para o surgimento de adoecimentos e ao surgimento de comportamentos de risco.

O Estado precisa reconhecer o quão a sua estrutura está amparada dentro de um sistema lgbtfóbico. As suas ações e até mesmo a falta delas em muitos momentos não abrangem a diversidade do país. Isso representa a produção de políticas a um determinado grupo e construída por pessoas que desconhecem o verdadeiro Brasil. Ou em casos onde se vê que é beneficiado certo público. Público esse classista e com segundos interesses em prol dessa iniciativa frágil e inconsistente. Por isso é tão necessário a mobilização dos movimentos que representam de fato essa diversidade e falam sobre os verdadeiros



problemas a serem enfrentados. Buscando assim uma equidade que é inclusive reiterada e protegida por leis neste país (Barreto, 2020).

A articulação dessa juventude é essencial para que os direitos sejam validados e reiterados, combatendo assim os estigmas e estruturas preconceituosas implicadas em diversas instâncias sociais. Isso foi verificado por meio dos trabalhos e campanhas promovidas perante as redes sociais. Esses jovens então relatam não apenas suas histórias, como também denunciam esse abandono do Estado frente aos problemas pandêmicos. É assim que suas vozes são disseminadas e de fato ouvidas, por meio de milhões de curtidas e compartilhamentos. Essa alternativa tem tido sucesso em alguns casos, mas ainda é preciso furar uma bolha conservadora que ainda instaura, mesmo nesses espaços, *fake news*. Alimentando, portanto, uma rede com uma série de inverdades e auxiliando na disseminação do preconceito e do genocídio dessa população LGBTQIAPN+.

O que podemos fazer daqui para a frente?

Neste ponto do estudo, reitera-se um questionamento a qual passa constantemente na cabeça de todo jovem, sobretudo LGBTQIAPN+. Diante do que foi apresentado, por máximo que o juvenicídio a qual ganhou um novo aliado (a Covid-19), é preciso pensar no combate a essas manifestações violentas e que sobretudo as que buscam calar vozes da diversidade. Diante disso, este ponto emerge iniciativas e ações de movimentos e como cada um deles contribui para uma sociedade de fato igualitária em direitos e respeitosa frente as diferenças.

Ferreira e Nascimento (2022) apontam para uma força conservadora que se estabeleceu e fez morada no Brasil e nas políticas públicas que regem o país. Mesmo diante dessa reestruturação preconceituosa no poder público, as ações sociais visam estabelecer práticas de cuidado em saúde em todos os âmbitos e necessárias a todas as pessoas, independentemente de qual região esteja e de qual subjetividade ela se compõe. Esse



movimento não é atual, é resultado de uma série de articulações feitas anos anteriores, promovendo força, coragem e cuidado independente da identidade de gênero e/ou orientação sexual.

Esses jovens não pensam apenas no agora, mas também nas próximas gerações e num futuro que se inicia no hoje. Dessa forma, a luta é constante e incessante, pois outros marcos e determinantes surgem constantemente. Hoje foi uma pandemia, amanhã poderá ser outra mazela. Assim, diante de tantas perdas e restrições, se faz com urgência pensar em um trabalho que atenda a população em todas as áreas. Respeitando as singularidades e os lugares de fala, aprendendo com eles a possibilidade de mudanças benéficas a sociedade.

Muitas vezes essa luta é carregada por discursos de ódio e atravessadas por atos de violência. A militância que pode ser banalizada nas redes sociais acaba por atingindo pessoas e encerrando histórias. É por todo esse triste cenário que o movimento segue acompanhando e indo contra em direção a decisões que ferem os direitos de existir de pessoas LGBTQIAPN+. Quando se atinge um, atinge a todos. Isso reverbera em tantos pontos onde a luta para a manutenção dessa militância se torna um perigo em diversos lados. Enquanto isso existir será necessário persistir com esta caminhada (Oliveira; Pontes, 2021).

Não é a toa que mesmo observado nas linhas das publicações analisadas neste trabalho, ainda será preciso enfrentar muitas outras batalhas. Algumas em campos individuais, outras em cenários coletivos, mas todas absolutamente importantes. Por isso essa juventude respira força, garra e energia, em todos os poros e contextos, necessária pelo direito a vida e vive-la a maneira mais sublime e genuína possível.

CONCLUSÃO

Apesar dos esforços, ainda é difícil finalizar não apenas essa, como tantas outras pesquisas que estão imergindo no campo da problemática do estudo. Campo esse que vislumbra não apenas nas linhas de artigos, mas em jornais e também posts nas redes sociais,



onde se pode encontrar exemplos de jovens violentados e negados a vida. Jovens esses que experimentam diversas dores em sua caminhada para tentar reafirmar suas identidades e seus afetos. Enquanto isso, um outro lado tenta impedir a todo custo uma experiência que é única e também responsabilidade de instancias governamentais.

Enquanto trabalhos como este suscitarem debates importantes, sejam em cenários de pandemia ou não, estaremos materializando uma sociedade cada vez mais empática e com equidade. É um dever de todas as pessoas proporcionar isso, mas até lá é possível esperar por este anseio. As redes sociais também potencializaram esse movimento, auxiliando a construção de movimentos e coletivos que buscam fortalecer a comunidade e estimular discussões necessárias para que a sociedade entenda as amarras homofóbicas e possa combatê-las.

Diante dessas questões, este trabalho também se apresenta em uma perspectiva pós pandemia, pensando em como essas consequências ainda se fazem presentes no cotidiano dessa população. Além do mais, esse exercício é necessário para pensar em como o direito a vida não é pauta em muitos espaços e direcionado a muitas pessoas. Dessa forma, a única solução é tentar sobreviver.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Beatriz Santos. Subcidadania LGBTQ e proteção social na pandemia de Covid-19. **Revista do NESEF**, v. 9, n. 2, 2020.

BRASIL. Grupo Gay da Bahia. **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil : relatório 2021** / José Marcelo Domingos de Oliveira, Luiz Mott (organizadores). – 1 ed. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2022.



ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 1, p. 9-12, 2014.

FERREIRA, Breno de Oliveira; NASCIMENTO, Marcos. A construção de políticas de saúde para as populações LGBT no Brasil: perspectivas históricas e desafios contemporâneos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 3825-3834, 2022.

KAUSS, Bruno et al. “Semente para Luta”: ativismos, direito à saúde e enfrentamentos de pessoas LGBTI na pandemia da covid-19. **Saúde e Sociedade**, v. 30, p. e201026, 2021.

KIKUCHI, Fernando Henrique Nascimento; SILVA JUNIOR, Luiz Gilberto; CHIARELLI, Lígia Maria Ávila. Preconceito e o isolamento social: Como a pandemia do Coronavírus afeta a percepção social da comunidade LGBTQIA+. **Projectare: Revista de Arquitetura e Urbanismo**, v. 2, n. 12, 2021.

MURASAKI, A. K.; GALHEIGO, S. M. Juventude, homossexualidade e diversidade: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 53–68, 2016.

OLIVEIRA, Manoel Rufino David de; PONTES, Joyce Leonardo. “Minha própria vivência é minha militância”: análise da violência sofrida por militantes LGBT em Belém do Pará. **Diálogo**, n. 46, p. 01-13, 2021.



SANTANA, Alef Diogo da Silva; MELO, Lucas Pereira de. Pandemia de covid-19 e população LGBTI+.(In) visibilidades dos impactos sociais. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, 2021.